

O contato entre populações indígenas e coloniais no litoral meridional do Brasil

Natália Machado Mergen, bolsista IC-CNPQ, Pedro Ignácio Schmitz (orientador), bolsista Prod. 1A

Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos

Introdução

Revisando coleções arqueológicas guardadas no Instituto Anchieta de Pesquisas, provenientes de levantamentos feitos desde a década de 1950, encontramos sítios cerâmicos de Tradição Tupiguarani, sítios da Tradição Taquara, sítios em que as cerâmicas das duas tradições estão associadas e sítios com cerâmica aparentemente ‘neobrasileira’. O objetivo de nossa pesquisa é analisar estas cerâmicas, e seus eventuais objetos líticos, para criar hipóteses sobre o povoamento da área por populações indígenas e seu contato com os primeiros colonizadores de origem européia. O enfoque teórico será o de fronteira, como este conceito foi utilizado por Rogge (2005). O primeiro trabalho sobre a área foi de Schmitz (1958), seguido de Miller (1967), Wagner (2004), Becker (2008) e Schmitz (2009).

Metodologia

O material cerâmico foi caracterizado pelo acabamento externo de seus fragmentos, usando a terminologia de Chmyz (1966) e Meggers & Evans (1970), o perfil das bordas das vasilhas e a abertura da boca e os dados foram organizados em tabelas para fins de comparação. O material lítico foi separado por sua função presumida, segundo Laming-empereire (1967) e Prous (1986), os objetos foram desenhados, primeiramente à mão e depois com auxílio de computador, e fotografados. Através da comparação, separamos sítios puros das diversas tradições e sítios em que materiais de diferentes tradições estão associados. Com identificação destes materiais procuramos reconstituir a história do povoamento da área.

Resultados

Até o momento foram manipulados 2.577 fragmentos cerâmicos, provenientes de quinze amostras provenientes de três sítios encontrados por Schmitz (1958) no litoral norte do Estado. Na cerâmica encontramos material da Tradição Tupiguarani, da Tradição Taquara e formas mistas ou associadas destas tradições. Pertencentes à Tradição Tupiguarani estudamos 2.050 fragmentos, provenientes de sete amostras separados em dez formas de acabamento

externo, com predomínio do corrugado (32%), seguido do unglado (29%), do simples (25%), do pintado (6%) e outros ou não classificados (8%). Na cerâmica Tradição Taquara foram estudados 527 fragmentos, de três amostras separados em cinco formas de acabamento externo, com predomínio do unglado (63%), seguido do ponteadado (18%), do pinçado (8%), do simples (8%) e de outros ou não classificados (3%). Nas cinco amostras mistas encontramos 554 fragmentos da Tradição Tupiguarani e 349 fragmentos da Tradição Taquara, alguns fragmentos com decorações e formas associadas e em alguns, também cachimbos, pontas de projétil atribuídas à Tradição Umbu, pederneiras e contas venezianas. Em dois sítios (RS-LN-141 e RS-LN-142), registrados por Becker (2008), o conjunto da cerâmica mostra um caráter neobrasileiro inicial.

Tabela I Sítios registrados por Schmitz (1958) com coleta de superfície

Sigla	Catál. IAP	Localidade	Denominação	Material
RS-08	01	Osório	Romário Marques Machado	Taquara
	21			Tupiguarani
	22			Tupiguarani
	23			Taquara e Tupiguarani
	24			Taquara e Tupiguarani
	25			Taquara e Tupiguarani
	27			Tupiguarani
	28			Tupiguarani
RS-95	78	Osório	Sambaqui de Santa Teresinha	Taquara e Tupiguarani
	79	Torres	Balneário Gaivota	Taquara
	80	Torres	Sambaqui de Torres	Taquara e Tupiguarani
	81	Torres	Lagoa do Jardim/Sambaqui de Torres	Tupiguarani
	84	Torres	Sambaqui de Itapeva	Tupiguarani
	85	Torres	Sambaqui da Guarita	Tupiguarani
RS-04	141	Tramandaí	Sambaqui de Atlândida	Taquara

Discussão

Segundo Schmitz (2009) a planície litorânea do Rio Grande do Sul foi ocupada primeiramente por pescadores, coletores e caçadores que construíam concheiros e aterros. Depois chegou a esta planície a Tradição Taquara, que sucedeu a estes primeiros habitantes nas áreas do Litoral Norte e em parte do Litoral Central; mais para o sul são substituídos por grupos ceramistas da Tradição Vieira. A Tradição Tupiguarani chegou por último e se estabeleceu em ambientes adequados a seu modo de vida, não utilizados pelos outros habitantes da região. Conforme Wagner (2004) as populações da Tradição Taquara, que ele chama de Horticultores do Planalto, construíam assentamentos permanentes nos bosques de pinheiros acima de 400 m de altitude, e a fim de complementarem sua dieta, com peixes e moluscos, realizavam incursões sazonais à planície litorânea. Seus acampamentos encontram-

se em zonas limítrofes entre a vegetação rasteira de restinga e os campos de dunas. Já os portadores da Tradição Tupiguarani, por ele chamados de Horticultores Guaranis, construíam seus assentamentos em regiões mais elevadas e florestadas. Neste ambiente poderiam plantar e explorar tanto os recursos da planície litorânea quanto os provenientes da Floresta Ombrófila Densa da encosta. Wagner (2004) afirma que os Horticultores do Planalto teriam antecedido a expansão dos Horticultores Guaranis. Schmitz (2009) lembra que em alguns sítios os estratos da Tradição Taquara estão sobre os da Tradição Tupiguarani, ou mesmo associados a eles. Assim constatamos no povoamento indígena do litoral a chegada de duas populações ceramistas distintas, que ora usaram espaços e recursos alimentares diferentes, ora se associavam (SCHMITZ, 2009). Em alguns sítios constatamos ainda o relacionamento local com populações da Tradição Umbu e indícios de povoamento colonial ou preação de indígenas.

Referências

- CHMYZ, Igor. **Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica**. Manuais de arqueologia, número 1. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1966.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Manuais de arqueologia, número 2. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1967.
- MILLER, Eurico T. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. **Publicações avulsas Museu Emílio Goeldi**, número 6, p. 15-38, 1967.
- MEGGERS, Betty & EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Manual para arqueólogos. Washington, D.C: Smithsonian Institution, 1970
- PROUS, André. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. **Arquivos do Museu de História Natural**. Vol. 11: 1-89. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de história natural, 1986/1990.
- ROGGE, Jairo Henrique. Fenômeno de Fronteira: Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. **Pesquisas Antropologia, nº 62**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2005.
- SCHMITZ, Inácio. Parapeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). **Pesquisas 2**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1958.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio & SANDRIN, Camila. O sítio Lagoa dos Índios e o povoamento Guarani da planície costeira do Rio Grande do Sul. **Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 11**: 89-134. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 2009.
- WAGNER, Gustavo Peretti. **Ceramistas do Litoral Norte**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.
- BECKER, Jussara Louzada. **O homem pré-histórico no Litoral Norte, RS, Brasil, de Torres a Tramandaí**. Volume 3. Gráfica e Editora Tc, 2008.